

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
COORDENAÇÃO DE LINGUAGENS E CÓDIGOS/LÍNGUA PORTUGUESA

Mariana Marques do Nascimento

**DE ANTIMUSA A HEROÍNA: aspectos da autoapresentação feminina negra em
“Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, e “Não vou mais lavar os pratos”, de
Cristiane Sobral**

SÃO BERNARDO-MA
2018

MARIANA MARQUES DO NASCIMENTO

**DE ANTIMUSA A HEROÍNA: aspectos da autoapresentação feminina negra em
“Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, e “Não vou mais lavar os pratos”, de
Cristiane Sobral**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

Orientação: Profa. Ma. Lana Kaíne Leal.

SÃO BERNARDO-MA
2018

MARIANA MARQUES DO NASCIMENTO

**DE ANTIMUSA A HEROÍNA: aspectos da autoapresentação feminina negra em
“Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, e “Não vou mais lavar os pratos”, de
Cristiane Sobral**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Ma. Lana Kaíne Leal (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profª. Ma. Cláudia Letícia Gonçalves Moraes
Universidade Federal do Maranhão

Profª. Dra. Maria Francisca da Silva
Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	01
2	A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE E NA LITERATURA BRASILEIRA.....	03
3	ASPECTOS DA AUTOAPRESENTAÇÃO EM CONCEIÇÃO EVARISTO.....	07
4	ASPECTOS DA AUTOAPRESENTAÇÃO EM CRISTIANE SOBRAL.....	11
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
	REFERÊNCIAS.....	16
	ANEXO A – CHAMADA PARA PUBLICAÇÃO.....	18
	ANEXO B – DIRETRIZES PARA AUTORES.....	20
	ANEXO C – MODELO DE ARTIGO/NORMAS DA REVISTA.....	24

DE ANTIMUSA A HEROÍNA: ASPECTOS DA AUTOAPRESENTAÇÃO FEMININA NEGRA EM “VOZES-MULHERES”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E “NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS”, DE CRISTIANE SOBRAL

Mariana Marques do Nascimento
(UFMA)

Lana Kaíne Leal
(UFMA)

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar aspectos da autoapresentação feminina negra a partir da análise dos poemas “Vozes-Mulheres” (2008), de Conceição Evaristo, e “Não vou mais lavar os pratos” (2011), de Cristiane Sobral, interpretando essa autoapresentação como uma estratégia de resistência na produção literária dessas escritoras negras brasileiras. Parte-se de um estudo crítico dos estereótipos presentes tanto na sociedade quanto na literatura brasileira, como, por exemplo, as imagens que inferiorizavam essas mulheres e as apresentavam como antimusas, tornando suas histórias invisíveis. Para tanto, apoia-se em estudos realizados por Conceição Evaristo (2005), Cuti (2010), Ângela Davis (2013), Eduardo de Assis Duarte (2007), entre outros. Dessa forma, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Em suma, os resultados da pesquisa apontam que as escritoras negras contemporâneas, por meio de seus textos, apresentam estratégias de resistência contra opressões de gênero, etnia e classe, afirmando-se em suas produções literárias como mulheres negras, heroínas de suas histórias.

PALAVRAS-CHAVE: resistência; mulher negra; autoapresentação; literatura negra.

1 INTRODUÇÃO

*A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.
(Conceição Evaristo)*

Os estudos que abordam mulheres negras e seus respectivos movimentos feministas têm constituído um marco nas produções acadêmicas da contemporaneidade, uma vez que as mulheres negras tem resistido às imagens estereotipadas que foram e, ainda, são construídas acerca de seu papel na sociedade. Nesse sentido, observa-se que, historicamente, tanto na sociedade de modo geral como na Literatura em particular, as mulheres negras tem ocupado papéis inferiores. A esse respeito, Sueli Carneiro (apud EVARISTO, 2005, p. 53) assinala que “as mulheres negras fizeram parte de um continente de mulheres [...] que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”. Tal quadro está relacionado ao passado marcado pela escravização das mulheres negras que, além das

atividades domésticas, tinham seus corpos objetificados pelos senhores, ou seja, “corpo – procriação e/ou corpo – prazer do macho senhor”. (EVARISTO, 2005, p. 52).

Diante de tal quadro, as mulheres negras têm desenvolvido estratégias para resistir a essa objetificação e, dessa forma, romper com os estereótipos que são construídos sobre as mesmas. Tais estereótipos são muitos e estão inseridos em todos os meios sociais, desde o âmbito familiar aos veículos de comunicação, os quais tendem a propagá-los. Sob tais condições, muitos grupos/movimentos – como as feministas negras – tem se posicionado criticamente contra as várias formas de opressões vivenciadas, lutando, dessa forma, para refutar essas imagens estereotipadas das mulheres negras na sociedade.

Tal posicionamento crítico é observável nas produções literárias das escritoras negras brasileiras, que tem buscado uma autoapresentação da imagem feminina negra em suas obras literárias. À título de exemplificação, pode-se citar a escrita de Maria Firmina do Reis, em seu romance *Úrsula* ou no conto “A Escrava”; a obra de Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor* (2009 [2006]); Conceição Evaristo, em seus *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); e, *Não vou mais lavar os pratos* (2011), de Cristiane Sobral. Estas escritoras empreendem a partir das suas escritas uma busca pela preservação da história da cultura negra e, mais especificamente, a participação das mulheres nessa história como sujeitas ativas, que sempre resistiram as opressões sofridas.

Nesse sentido, a escrita se tornou uma das formas de resistência feminina negra, uma vez que por meio da escrita abre-se a possibilidade de ser protagonistas de suas histórias, revogando, dessa forma, as imagens estereotipadas que foram construídas desde o período da escravização:

As mulheres negras não precisavam repetir o discurso da necessidade de romper com a prisão do lar e do direito ao trabalho, pois elas sempre trabalharam desde a escravidão, inclusive nas ruas, como *as escravas de ganho*. E com a *abolição* confirmaram o papel de provedoras material e espiritual da comunidade afro-descendente, quando o homem negro ficou mais vulnerável às transformações sociais da época. (EVARISTO, 2005, p. 04).

Seguindo a citação de Conceição Evaristo, pode-se observar que as mulheres negras sempre trabalharam e lutaram por seus direitos, bem como conquistaram o papel de cultivar a memória de seu povo, buscando, assim, romper barreiras sociais, econômicas e culturais. Com efeito, retorna-se a epígrafe que abre esta introdução, na qual se observa o posicionamento de Evaristo, quando a autora afirma que a *escrevivência* deve ser lida como histórias para incomodar os sonos injustos dos habitantes da casa grande, ou seja, a partir dessa escrita da vivência fazer ecoar o grito de liberdade, representando a si mesma e a comunidade afrodescendente.

Diante do exposto, tem-se como objetivo propor uma análise dos aspectos da autoapresentação feminina negra a partir da análise dos poemas “Vozes-Mulheres” (2008), de

Conceição Evaristo, e “Não vou mais lavar os pratos” (2011), de Cristiane Sobral, interpretando essa autoapresentação como uma estratégia de resistência na produção literária dessas escritoras negras brasileiras.

A relevância deste trabalho, que caracteriza-se com uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, está centrada na possibilidade de fomentar novas discussões em torno do protagonismo das mulheres negras no âmbito das produções literárias brasileiras, uma vez que se observa que a presença das mulheres negras nessas produções literárias foi negligenciada, como na visão do poeta Gregório de Matos, que apresenta a mulher negra como dócil, desprovida de vontade, de voz e como objeto manipulável, tratada como “besta domesticada”, e nunca humanizada. Assim como Gregório de Matos, muitos outros nomes da Literatura canônica brasileira avigoram essa visão, como José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Jorge Amado, e tantos outros com suas mulatas assanhadas, objetos sexuais de homens brancos, escravas boas e negras estéreis.

Uma vez que a poesia se apresenta como uma forma de narrar o mundo a partir de determinada perspectiva que, por vezes, pode revelar um desejo utópico de construção de outros mundos possíveis. Abre-se, por meio da poesia, uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que se constrói outro mundo possível, também, critica-se o mundo em que vivemos: suas mazelas e contradições, o que torna a poesia um espaço de forte crítica social. Nesse sentido, a poesia produzida pelas mulheres negras rompe com os padrões estabelecidos por discursos que adquiriram estatuto de verdade, apresentando-se como espaço crítico a obliteração da participação ativa das mulheres negras na história, bem como a imagens estereotipadas inseridas tanto na história oficial quanto na produção literária canônica. Dessa forma, as violências assim como os fortes conflitos e tensões gerados por um país pluriétnico e de racismo velado como o Brasil são denunciadas em suas poéticas.

2 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE E NA LITERATURA BRASILEIRA

Desde o período escravista a mulher negra tem se manifestado em busca dos seus direitos, resistindo contra as violências e preconceitos impostos pela sociedade racista. A esse respeito, torna-se importante ressaltar que os negros e negras escravizadas não eram passivos, ou seja, na história da escravização no Brasil houve bastante resistência contra a sociedade escravista, uma vez que “onde quer que tenha havido escravidão, também houve resistência.” (SANTOS, 2017, p. 222).

Nesse sentido, apresentar aspectos das mulheres negras na sociedade brasileira tende a ser um desafio, visto que intersecciona três fatores, a saber, gênero, etnia e classe, que distinguem as opressões historicamente vividas por essas mulheres. Nessa perspectiva, observa-se que a mulher negra desde a escravização tem seu papel reduzido, tanto na sociedade, quanto na literatura. Pois “eram incessantes os argumentos sobre a sua ‘promiscuidade sexual’ ou a sua propensão ‘matriarcal’ obscura, muito mais que eles iluminaram sobre a condição da mulher durante a escravatura.” (DAVIS, 2013, p. 09). Dessa forma, ao pensar em uma pirâmide social, a mulher negra se encontra na base dessa pirâmide, com salários mais baixos, baixo acesso à justiça, o que a torna mais propícia a violência, com mais exposição a agressão física, agressão verbal e sexual¹.

Assim sendo, compreende-se que a opressão de gênero assim como o racismo fazem parte do cotidiano das mulheres negras, e dessas opressões (de gênero e étnica) advém a inferiorização dessas mulheres, também, a nível econômico, o que as conduzem as classes com menores rendas. Estes aspectos são observáveis desde o período da escravização, dado que as mulheres negras eram vistas apenas como mão de obra, como assinala Ângela Davis:

as mulheres negras diferem das mulheres brancas na medida que as lides domésticas faziam parte das obrigações escravagistas [...] as mulheres eram olhadas não menos que os homens, eram vistas como unidades rentáveis de trabalho, elas não tinham distinção de gênero na medida das preocupações dos donos de escravos.” (DAVIS, 2013, p. 10).

Diante do exposto, nota-se que as mulheres negras sofrem opressões distintas das mulheres brancas, uma vez que aquelas além da opressão de gênero, vivencia opressões étnicas e de classe. Nesse sentido, na sociedade brasileira, por exemplo, as mulheres negras foram historicamente representadas por imagens estereotipadas, caracterizando-as apenas por seu lado estético – corpo como objeto sexual e prazer do macho senhor, deixando de lado atributos como trabalhadoras, guerreiras, inteligentes, corajosas e muitas outras qualidades que podemos atribuir às mulheres de modo geral. Portanto, ao ter seu papel inferiorizado, houve a necessidade da mulher negra se impor contra essa sociedade sexista, racista e classista, mostrando que são capazes de exercer cargos melhores e lutar por igualdade. Nessa perspectiva, Davis (2013, p. 15) corrobora que “enquanto era difícilmente que essas mulheres estivessem a exprimir o orgulho do trabalho que faziam debaixo do sempre presente tratamento do chicote, elas deviam estar conscientes do seu enorme poder – da sua capacidade de produzir e criar”.

¹ Conforme Santos e Grelin (2017), no que se refere aos índices de violência contra as mulheres negras, pesquisas desenvolvidas pelo IPEA e FBSP, apontam que os índices de femicídio contra as mulheres negras aumentaram 54%, enquanto as mulheres brancas conquistaram uma redução de 9,8%, tal quadro demonstra as marcas das desigualdades presentes nessa sociedade racista e sexista.

Ao ter consciência do seu poder de produzir e criar, as mulheres negras iniciaram uma busca pela construção da sua identidade, rompendo com as imagens estereotipadas criadas ao seu respeito, do seu passado de escravizadas, de mulher vista apenas como objeto sexual. Tais ideias podem ser percebidas nas produções literárias das mulheres negras que a partir das suas vivências iniciaram o empreendimento de escrever suas histórias a fim de preservar a memória de luta contra as opressões vivenciadas.

Nesse sentido, a produção literária feminina negra apresenta temas voltados para a condições vividas pelas mulheres negras em suas relações com a sociedade. Parte-se da necessidade de alcançar visibilidade tanto no campo literário quanto no âmbito social, uma vez que em ambos os casos, as mulheres negras e suas histórias foram marginalizadas. Dessa forma, as escritoras negras buscam denunciar as imagens estereotipadas e negativas que foram apresentadas por escritores brancos. A esse respeito Cuti ressalta que:

Isso é explicado pelo condicionamento social, mas também cultural. A própria literatura brasileira feita quase sempre por autores brancos, produz e reproduz estereótipos raciais. Não concebe a possibilidade de personagens negros além dos limites da miséria e delinquência. (CUTI, 2010, p. 37).

Diante disso, as escritoras negras apresentam em suas escritas o que lhe foi negado, resistindo, dessa forma, aos padrões impostos pela sociedade bem como as narrativas que reproduz estereótipos raciais. Como exemplo desses estereótipos que inferiorizam as mulheres negras na literatura brasileira, pode-se observar o fragmento do poema “Anica”, de Gregório de Matos, que apresenta ideias de como os autores brancos concebiam as mulheres negras, nomeada de “mulatas”:

Anica

[...] Achei Anica na fonte
lavando sobre uma pedra
mais corrente, que a mesma água,
mais limpa, que a fonte mesma. [...]
[...]
Depois de feito o conchavo
passei o dia com ela,
eu deitado a uma sombra,
ela batendo na pedra.
Tanto deu, tanto bateu
co'a barriga, e co'as cadeiras,
que me deu a anca fendida
mil tentações de fodê-la.
(MATOS, 1992, p. 2).

Os atributos ligados à mulher negra nunca é o que ela pensa, ou o que ela deseja, mas sim o modo como ela vista pelo homem, nota-se que são explorados assuntos como sedução, beleza, resistência física, dado que esses atributos mencionados estão sempre ligados ao corpo da mulher. Dessa forma, o que se observa no fragmento supracitado são “versos marcados, todavia, por uma semântica erótica obcecada pelos corpos de pele morena, sempre desfrutáveis, segundo tal ponto de vista, aos olhos e às fantasias sexuais do homem branco.” (DUARTE, 2009, p. 7).

O machismo sempre esteve presente nas histórias sobre a mulher negra dentro da literatura, nesse sentido Rita Assunção assinala que “a mulher negra, oriunda da diáspora africana, aparece representada sob a égide de uma visão estereotipada e reificada do homem branco de visão eurocêntrica: ‘branca para casar, preta para trabalhar, mulata para fornicar’”. (ASSUNÇÃO, 2016, p. 939). Diante do exposto, torna-se possível compreender a concepção do papel da mulher negra dentro da sociedade e, conseqüentemente, na literatura. Uma vez que em gêneros literários como: “contos, crônicas, romances e mesmo poemas, tendem a manter a personagem negra congelada na posição subalterna e sem importância no contexto ficcional, como personagens planas e estáticas.” (CUTI, 2010, p. 38).

Perspectivas como as que forma mencionadas torna possível apontar a importância da literatura de cunho feminino negro. Dado que a partir dessas produções literárias pode-se buscar uma ruptura com as ideias propagadas por uma literatura preconceituosa, racista. Nesse sentido, compreende-se como relevante as discussões contemporâneas em torno da literatura negro-brasileira, uma vez que a mesma:

É a que muda a posição das peças no tabuleiro e cria outras relações, dando voz a quem não tem, silenciando quem sempre teve domínio da palavra, inclusive, alterando a própria ideia cristalizada do que é um escritor, um narrador e mesmo um leitor. (CUTI, 2010, p. 38).

Nota-se que a literatura escrita por mulheres negras no decorrer da história pretende cultivar a memória rompendo as barreiras sociais, econômicas e até mesmo culturais. Buscando dentro da sua escrita, construir a sua identidade, lutar contra a desigualdade de gênero e qualquer outro tipo de opressão. Cuti (2010) afirma que o que havia e ainda há é o que podemos chamar de identidade negra. A literatura negra não foi a princípio feita para uma projeção literária, tampouco por estética ou por teoria do fazer literário, e sim para impor-se contra a escrita dos homens brancos, com suas imagens estereotipadas tanto da mulher como do homem negro: a/o escravizada/o, inferiorizados dentro de uma sociedade escravagista. Dessa forma, a literatura negra possui uma escrita que reflete a necessidade de incluir as vivências de mulheres e homens negros, ou seja, conforme Cuti (2010) o objetivo dessa escrita é “compartilhar e veicular, por

meio da palavra escrita, experiências vividas ou imaginadas” com o propósito de fascinar e prender o leitor, “além de dá vazão ao tûmulo de vozes abafadas na literatura feita por brancos.” (CUTI, 2010, p. 41).

À título de exemplificação, pode-se citar como referência da literatura feminina negra no Brasil, as escritas de Maria Firmina dos Reis, mais precisamente o romance *Úrsula* e o conto “A escrava”, bem como de Carolina Maria de Jesus e, entre outros escritos, o seu romance *Quarto de Despejo* (1960), no primeiro caso se refere a produções do século XIX, e no segundo do século XX, em ambos os casos essas autoras apresentam em suas escritas um determinado momento da história, inserindo as mulheres negras num contexto que partia de suas vivências, rompendo, dessa forma, com paradigmas acerca do feminino negro, como a imagem da “antimusa” (CARNEIRO apud EVARISTO, 2005, p. 54).

Nessa perspectiva, pode-se apontar dois caminhos a partir da escrita de mulheres negras: da mulher negra que produz literatura e a reescreve na história; e a da representação dessas mulheres na literatura. Ou seja, temos sua autoapresentação e sua representação. Diante disso, torna-se relevante compreender essa escrita negra, buscando entender o que produzem e como são inseridas as relações de etnia, gênero e classe dentro dessas produções. Uma vez que a intersecção desses fatores se torna necessária para uma compreensão da literatura produzidas pelas mulheres negras.

Portanto, ao adentrar no campo da literatura feminina negra não encontramos mais a imagem da mulher negra sensual a disposição dos serviços sexuais do seu senhor, aos poucos os estereótipos criados da imagem dessa mulher tem sido desfeitos e, conseqüentemente, construído outros significados, uma vez que as mulheres negras tem criado, no decorrer dessa história, estratégias de resistências para reconstruir suas identidades e, dessa forma, autoapresentar-se por meio de suas produções literárias.

3 ASPECTOS DA AUTOAPRESENTAÇÃO EM CONCEIÇÃO EVARISTO

Observa-se a relevância da memória nos textos de cunho feminino negro, uma vez que as mulheres eram as responsáveis por manter e preservar a memória do seu povo. A esse respeito Conceição Evaristo (2005, p. 08) afirma que “o ‘espírito’ que animavam essas mulheres, foi transmitido anônima e oralmente de geração a geração”, diante disso houve a necessidade de materializar as histórias dessas mulheres negras, que ao longo do tempo foram invisibilizadas. Assim, ao produzir seus textos, as mulheres negras valorizam as histórias de suas antepassadas,

como pode ser observado no poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, que busca preservar as marcas do passado dessas mulheres negras.

Nesse sentido, a fortuna crítica do poema “Vozes-Mulheres”, aponta tal poema como um manifesto-síntese da poética da autora, como pode ser observado nos estudos de Eduardo de Assis Duarte:

Os versos enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa dos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão. (DUARTE, 2006, p. 25).

Conforme a passagem citada, Conceição Evaristo está inserida num grupo de autores que se opõe aos preconceitos impostos aos povos negros, bem como se empenham em preservar não apenas o passado de sofrimento, mas também as estratégias de resistência desenvolvidas para combater as opressões vividas por esses povos desde o período da escravização. Nesse sentido, o eu poético, em “Vozes-Mulheres”, fala por si e por uma coletividade.

Em consonância com os estudos de Assis Duarte, Florentina Souza (2007) diz que, a partir da memória, Evaristo tem a consciência de um fazer poético que dá conta de uma participação ativa no estabelecimento de uma identidade negra brasileira:

No poema, instala-se a circulação e readaptação de atuações marcadas pelo inconformismo e pelo sonho da liberdade. Da bisavó à filha, institui-se um circuito criado pelas vozes da memória, e as vozes atualizadas pelas histórias do presente, viabilizando o redesenho de práticas, permitem a construção de um potente trânsito criativo que se constituirá, nos vários campos, como características de afrodescendência. (SOUZA, 2007, p. 33).

Observa-se que o poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, apresenta trajetórias femininas e expõe marcas que são transmitidas de geração a geração, por meio de um sujeito de enunciação que enuncia desde um lugar feminino negro. Nesse sentido, nota-se que o título do poema apresenta pontos importantes para análise: i) o fato de mostrar vozes e dizer a quem elas pertencem, uma vez que essas vozes foram silenciadas tanto nos anais da história oficial como nas produções literárias; e, ii) o fato do título “Vozes-mulheres”, no plural, representar uma coletividade, como aponta Ana Mendes (2009, p. 117) ao afirmar que “o eu lírico percorre as veredas da memória com a consciência de que esse fazer não é solitário”.

Conforme tal quadro, apresenta-se a primeira estrofe do poema em análise:

1 A voz da minha bisavó ecoou
2 criança nos porões do navio.

3 Ecoou lamentos
4 de uma infância perdida.

Como observado acima, ao tratar do título do poema, o eu-lírico estabelece uma relação entre várias vozes, inicialmente, trata-se da voz da *bisavó* (verso 1), entretanto essa voz ecoa *criança* (verso 2), mais precisamente, uma menina, já que se refere a bisavó. Ainda no segundo verso, torna-se possível inferir que essa criança seja negra, uma vez que ela se encontra *nos porões do navio* (verso 2), nesse sentido se interpreta que essa menina negra era incapaz de resistir de forma ativa à submissão imposta, por esse motivo sua voz ecoa *lamentos* (verso 3) de *uma infância perdida* (verso 4).

Assim como a bisavó criança, outras pessoas transportadas nos porões dos navios negreiros tiveram a sua liberdade roubada. Nesse sentido, torna-se possível interpretar que a voz da bisavó, vibra o sofrimento de uma coletividade, uma vez que se torna possível identificar um elo entre a criança e os demais negros, que eram transportados nas mesmas condições: “eram homens e mulheres [e crianças] que tiveram sua liberdade roubada, suas famílias desfeitas, seus costumes e línguas ignorados, seus nomes alterados e que, por fim, tornavam-se escravos”. (SANTOS, 2017, p. 176). Dessa forma, o porão do navio era um lugar “[de] construção de novas redes de amizades [...] nos caminhos das caravanas de escravos” (MATTOS, 2012, p. 172).

Assim sendo, o eu-lírico encontra-se com suas raízes culturais e históricas, bem como com a violência sofrida por suas antepassadas, uma vez que essas raízes estão centradas no âmbito familiar. Tal como a voz da Bisavó, presente na primeira estrofe, identifica-se a voz da Avó, na segunda:

5 A voz de minha avó
6 ecoou obediência
7 aos brancos-donos de tudo.

Nessa estrofe, identifica-se a ideia de submissão das mulheres negras aos *brancos-donos de tudo* (verso 8), pois a voz da *avó* (verso 5), aparentemente, ecoa *obediência* (verso 7). Porém, interpreta-se o fato de não se calar como uma forma de resistência, dado que a voz ecoa para que seja ouvida, dessa forma se observa que na primeira estrofe a voz ecoava lamentos da infância perdida; na segunda, ecoa a obediência aos brancos que passaram a ser donos de tudo. Nos dois casos os ecos podem ser interpretados como denúncias das violências sofridas por essas duas gerações escravizadas.

Embora o tempo passe, poucas mudanças são observáveis na história dessas mulheres negras, uma vez que o sofrimento e a dor permanecem nas gerações seguintes. Entretanto, a resistência se torna mais visível, como se observa na terceira estrofe:

8 A voz de minha mãe
9 ecoou baixinho revolta
10 no fundo das cozinhas alheias
11 debaixo das trouxas
12 roupagens sujas dos brancos
13 pelo caminho empoeirado
14 rumo à favela.

Note-se que nessa estrofe, o eu-lírico se refere a voz da sua *mãe* (verso 8), que mesmo baixinho ecoa *revolta* (verso 9) pela situação que se vive, pois continua submissa aos *brancos* (versos 12), trabalhando em suas cozinhas (verso 10) e carregando suas *roupagens sujas* (verso 12). Observa-se que a mãe do eu lírico herdou as más condições de vida de suas antepassadas, como pode ser observado no trabalho desempenhado por essa mulher, bem como o lugar onde mora: a *favela* (verso 14). Entretanto, há uma ruptura com a ideia de obediência aos “brancos-donos de tudo”, dado que se observa uma oposição dessa mulher negra ao fato de ter um subemprego e habitar num lugar onde as moradias são precárias. Percebe-se que há uma voz que cresce com o passar das gerações, formando um registro histórico que necessita de certas informações para sua compreensão, como o fim da escravização promulgado pela Lei Áurea em 1888. A esse respeito enfatiza-se que as negras libertas passaram a trabalhar para se sustentar, porém tal trabalho continuou inferiorizado pela sociedade, que não deu condições para que essas sujeitas negras se qualificassem e ocupassem outros cargos.

Sabe-se que a literatura feminina negra se opõe a imagem estereotipada das mulheres negras, assim como a invisibilização de suas histórias, o que caracteriza tal produção literária como uma escrita de resistência, que apresenta tanto aspectos da escravização e suas consequências, como, também, uma ruptura com a imagem estagnada da mulher como corpo/prazer do macho senhor. Nesse sentido, na quarta estrofe, o eu lírico chega no tempo presente, inserindo-se como poeta, *a minha voz* (verso 15), que coloca em versos todo o sofrimento vivido:

15 A minha voz ainda
16 ecoa versos perplexos
17 com rimas de sangue
18 e fome.

Pode-se analisar essa estrofe a partir de duas vertentes: i) a voz presente é letrada e pode, através de versos, expor aos outros as atrocidades vividas por suas antepassadas e por ela; e, ii) há uma denúncia dos maus tratos e das explorações vivenciadas pelas mulheres negras ao longo do tempo. Nota-se que poucas coisas mudaram desde as gerações anteriores, visto que a *voz ainda* (verso 15) ecoa versos que rimam *sangue* (verso 17) e *fome* (verso 18). Ainda, no que se refere às

antepassadas, sabe-se que durante um período da história os negros e negras escravizadas não tinham autorização para escrever, dado que conforme Evaristo eles “viviam em uma época, em que durante muito tempo era considerado um crime, o ato de um negro ler ou escrever.” (EVARISTO, 2005, p. 8). Diante disso, ecoar versos se apresenta como uma prática de resistência ao que fora imposto aos povos negros, portanto, a partir dessa estrofe se pode interpretar que o eu lírico, por meio de versos, conta a sua história e de uma coletividade de mulheres negras, o que caracteriza uma autoapresentação.

Por fim, a quinta estrofe inicia com uma voz crescente, apontando para a voz da quarta geração: a filha do eu lírico, que reúne o passado, o presente e o futuro:

19 A voz de minha filha
20 recolhe todas as nossas vozes
21 recolhe em si
22 as vozes mudas
23 engasgadas nas gargantas.
24 A voz de minha filha
25 recolhe em si
26 a fala e o ato.
27 O ontem – o hoje – o agora.
28 Na voz de minha filha
29 Se fará ouvir a ressonância
30 O eco da vida-liberdade.

Percebe-se, nessa estrofe, que o eu lírico apresenta a voz da filha, que *recolhe em si* (verso 21) todas as *vozes mudas* (verso 22) das antepassadas, ou seja, da bisavó, avó e mãe. Dessa forma, o eu lírico, no presente, afirma que a voz da filha reúne o *ato* (verso 11) de falar, e se antes as vozes das suas antepassadas foram emudecidas, a voz da filha *se fará* (verso 29) ouvida, não mais submissa aos maus tratos históricos, as amarras, mas como uma *ressonância* (verso 29), ou seja, uma vibração de várias vozes que lhe é própria, ou seja, se no passado as vozes-mulheres ecoavam lamento, obediência e revolta, no futuro ecoará *vida-liberdade* (verso 30). Portanto, encontra-se, nessa última estrofe, a perspectiva de uma mulher negra resistente, de voz firme, que não vai mais se calar diante das atrocidades vividas por suas antepassadas e fará todos ouvirem seu grito de liberdade após anos de opressão e inferioridade.

4 ASPECTOS DA AUTOAPRESENTAÇÃO EM CRISTIANE SOBRAL

Na seção anterior, analisou-se a trajetória das mulheres negras e as investidas dessas mulheres para se libertarem das opressões vivenciadas desde o período da escravização, tais investidas perpassam pela produção poética enquanto estratégia de resistência ao emudecimento.

Nesta seção, busca-se analisar o poema “Não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral, relacionando-o as discussões realizadas anteriormente.

Ao analisar o título do poema de Cristiane Sobral, observa-se que há uma recusa aos ser afazeres domésticos que, historicamente, desde a Casa Grande foram desempenhados pelas mulheres negras. A esse respeito, Rita Assunção (2015, p. 938) aponta que o título do poema de Sobral apresenta “o caráter da negação e da resistência aos padrões socialmente e esteticamente impostos às mulheres negras”. Nesse sentido, a partir do título pode-se elencar dois aspectos importantes para a análise: i) o advérbio de negação *não*, que apresenta aspectos da insubordinação feminina; e, ii) o verbo *ir* na primeira pessoa do singular - *vou*, ou seja, assim como na seção anterior, trata-se de um eu lírico que se autoapresenta.

Outro ponto importante no título, é que o eu lírico se recusa a realizar algo que fazia antes, o motivo dessa recusa pode ser observado na primeira estrofe do poema:

- 1 Não vou mais lavar os pratos
- 2 Nem vou mais limpar as poeiras dos móveis
- 3 Sinto muito. Comecei a ler.
- 4 Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
- 5 Não levo mais o lixo para a lixeira.

Nessa estrofe, o eu lírico afirma que começou a ler (verso 3), ou seja, a partir da leitura o eu lírico adquire um conhecimento que lhe possibilita ter consciência dos seus direitos no ambiente doméstico. Diante disso, além de não lavar os pratos, decide, também, não levar o lixo para a lixeira (verso 5). Observa-se, nessa estrofe, o primeiro aspecto de insubordinação feminina aos padrões impostos pela sociedade: o de cuidar do lar.

Tal insubordinação se torna mais evidente nos versos seguinte, uma vez que o eu lírico continua a desenvolver estratégias de resistência:

- 6 Nem arrumo a bagunça do quintal.
- 7 Sinto muito.
- 8 Depois de ler percebi
- 9 A estética dos pratos, a estética dos traços, a ética
- 10 A estática.

O eu lírico enfatiza que o ato de ler (verso 8) possibilitou sua mudança de atitude, e apresenta mais atividade doméstica que se recusa a fazer: não arrumar a bagunça do quintal (verso 6), porque percebeu a estética (verso 9) dos pratos e dos traços, bem como a ética (verso 9), neste ponto, nota-se que o eu lírico começa a refletir sobre as normas sociais tanto no que diz respeito a percepção de beleza quanto aos princípios do comportamento humano, bem como sobre a estática (verso 10), ramo da física que estuda os corpos que não se movem. E é isso que o eu lírico

faz, decide parar de movimentar seu corpo para executar atividades domésticas impostas pelas normas sociais. Porque se tornou leitora:

11 Olho minhas mãos quando mudam a página
12 dos livros, mãos bem mais macias que antes
13 e sinto que posso começar a todo instante.
14 Sinto.
15 Qualquer coisa

Nessa estrofe, o eu lírico percebe as mãos *mais macias* (verso 12), o que possibilita inferir que antes suas mãos eram calejadas devido aos trabalhos domésticos que deixou de desempenhar. Esse olhar para mãos ocorre ao mudar a *página* (verso 11), mudança que o eu lírico pode *começar a todo instante* (verso 13). E, a cada instante o eu lírico inicia uma nova forma de subversão:

16 Não vou mais lavar. Nem levar. Seus tapetes
17 Para lavar a seco. Tenho os olhos rasos d'água.
18 Sinto muito. Agora que comecei a ler quero entender.
19 O porquê, por quê? e o porquê.
20 Existem coisas. Eu li, e li, e li. Eu até sorri.
21 E deixei o feijão queimar...
22 Olha que feijão sempre demora para ficar pronto.
23 Considere que os tempos são outros...

Se antes o eu lírico se recusava a lavar os pratos, a partir dessa estrofe não leva mais os *tapetes* (verso 16) para lavar; e, deixa *o feijão queimar* (verso 21), porque se dedica, exaustivamente, a leitura para *entender* (verso 18) os porquês da existência das coisas. Diante disso, declara a mudança dos *tempos* (verso 23) e, conseqüentemente, a sua mudança, ou seja, agora o eu lírico transforma sua fala em “um discurso de resistência e também da construção da identidade de gênero” (ASSUNÇÃO, 2015, p. 943). Tal mudança pode ser melhor observada na seguinte estrofe:

24 Ah,
25 esqueci de dizer. Não vou mais.
26 Resolvi ficar um tempo comigo.
27 Resolvi ler o que se passa conosco.
28 Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou.
29 De tudo que li, de tudo que jamais entendi,
30 Você foi o que passou
31 Passou do limite, passou da medida,
32 Passou do alfabeto.
33 Desalfabetizou.

Neste ponto, o eu lírico apresenta a decisão de ficar *consigo* (verso 26), para ler o que se passa uma coletividade (verso 27), esta ideia é depreendida pelo uso do pronome *conosco* (verso 27) que a outras pessoas excluindo os interlocutores, ou seja, nessa estrofe o eu lírico sai do

contexto doméstico, mostrando que não está sozinha, que existem outras mulheres que podem ser lidas possibilitando uma compreensão de um problema que se passa com todas: a imposição da casa e, mais precisamente, da cozinha como lugar da mulher. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de relacionar essa estrofe com a análise realizada na seção anterior, uma vez que no poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, as vozes dentro do texto trabalham para que percebam que esse fazer literário, essa luta por autoapresentação dentro da sociedade ou no campo literário é coletivo, pois lutam pelo mesmo objetivo: ecoar suas vozes para que suas histórias não sejam esquecidas e, dessa forma, alcançar a vida-liberdade.

Observa-se, ainda, que o eu lírico utiliza o termo *desalfabetizou* (verso 33) para mostrar que teve que desaprender o que sabia, ou seja, o que era imposto pela sociedade, para aprender a ler o que realmente acontecia com ela, tanto no ambiente doméstico, de forma específica, quanto na sociedade, de modo geral.

34 Não vou mais lavar as coisas
 35 e encobrir a verdadeira sujeira.
 36 Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui pra lá e de lá pra cá.
 37 Desinfetarei minhas mãos e não tocarei suas partes móveis.
 38 Não tocarei no álcool.

Dessa forma, o eu lírico decide não esconder *a verdadeira sujeira* (verso 35), isto é, não irá mais calar-se diante das atrocidades vividas, nem ocultar as opressões, pelo contrário, irá *espalhar o pó* (verso 36) para que todos saibam o que ficou escondido, apagado. Ao recusar tocar no *álcool* (verso 38) pode-se interpretar que eu lírico, por meio da bebida, tentava fugir da sua realidade, contudo essa prática não se repetiria porque adquiriu autonomia e não teria mais necessidade de fugir, dado que aprendeu a viver sozinha:

39 Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler.
 40 Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
 41 meu tênis do seu sapato,
 42 minha gaveta das suas gravatas,
 43 meu perfume do seu cheiro.
 44 Minha tela da sua moldura.

Observa-se que o eu lírico refleti sobre o seu papel na sociedade bem como sobre a relação de gênero, o que possibilita, após adquirir uma consciência dos modelos estabelecidos pela sociedade, constrói sua identidade e resiste aos padrões estabelecidos. Diante disso, o eu lírico relaciona a conquista da sua liberdade a Lei Áurea:

45 Sendo assim, não lavo mais nada, e olho a sujeira
 46 no fundo do copo.
 47 Sempre chega o momento

48 de sacudir,
49 de investir,
50 de traduzir.
51 Não lavo mais os pratos.
52 Li a assinatura da minha lei áurea
53 escrita em negro maiúsculo,
54 em letras tamanho 18, espaço duplo.
55 Aboli.
56 Não lavo mais os pratos
57 Quero travessas de prata,
58 Cozinha de luxo,
59 e jóias de ouro. Legítmas.
60 Está decretada a lei áurea.

Apenas na estrofe acima se torna possível identificar que o eu lírico enuncia desde um lugar feminino negro, tal interpretação se baseia na referência a *lei áurea* (verso 52), bem como a ênfase dada a essa lei, uma vez que a formatação do texto indica *letras tamanho 18* (verso 54) e espaçamento *duplo* (verso 54), distinguindo esses versos dos demais. Além disso, na leitura de textos digitais, quando há uma mudança de tamanho como o eu lírico aponta, interpreta-se como um grito. Portanto, o eu lírico, ao se autoapresentar, grita a fim de fazer sua voz ser ouvida, ou, de outra forma, fazer valer o seu direito a vida-liberdade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escravização no Brasil deixou marcas que ainda não foram superadas, como a herança das más condições de vida que grande parte da população negra brasileira vive, o que inclui subempregos, moradias precárias e violências diárias relacionadas a cor da pele. Nesse contexto, observou-se neste estudo que as mulheres negras sofrem opressões distintas, uma vez que além da etnia e classe, há o fator gênero, o que torna as mulheres negras historicamente mais vulneráveis.

Diante disso, as produções literárias femininas negras buscam subverter os estereótipos e o emudecimento de suas vozes, que durante séculos se fez presente na sociedade brasileira e, conseqüentemente, no âmbito literário. Nesse sentido, a partir das análises dos poemas “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, e “Não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral, tornou-se possível observar aspectos da resistência feminina negra, uma vez que a busca por uma autoapresentação viabiliza uma reconstrução do passado, não com o objetivo de apagá-lo, mas para através dele mostrar-se forte e combater todas as formas de opressões historicamente vivenciadas e, assim, conquistar melhores condições de vida.

Portanto, ao se autoapresentar as escritoras negras subvertem a ideia de antimusa, inserindo em seus textos a mulher negra como protagonista de sua história, como heroína, que

resiste aos padrões estabelecidos pela sociedade, bem como a invisibilidade que lhe foi imposta ao longo do tempo.

6 REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Rita de Cássia Barros. O discurso afrofeminino em “Não vou mais lavar os pratos” de Cristiane Sobral. In: SOUZA, E. F; FILHO, F. J. B; COSTA, M. T. (Orgs.). **Identidades e Diásporas: Afrodescendência, Africanidade, Educação e Cultura Indígena**. 1. ed. Teresina: Eduespi, 2016. Ebook.

CUTI [Luiz Sillva]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Ângela. **Mulher, Raça e Classe**. Tradução livre, Plataforma Gueto, 2013 [1982].

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: Literatura, Gênero, Etnicidade. **Revista de Estudos Literários Terra Roxa e outras terras**, v. 17, n. 1, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, SC, v. 14, n. 1, 2006.

EVARISTO, Conceição. 2008. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, ano 1, n. 1, p. 52-57, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com.br/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html> . Acesso em: 15 dez. 2017.

MATOS, Gregório de. **Obra poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documents/0006-00977.html>, último acesso em: 17 jan. 2017.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MENDES, Ana Cláudia. Eco e memória: “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo. **Revista de Estudos Literários Terra Roxa e outras terras**, v. 17, n. 1, 2009.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **História da África e do Brasil afrodescendente**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SANTOS, M. O. P.; GRELIN, D. M. Análise: violência contra a mulher. In: **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 2017. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública)

SILVESTRE, Nelci A. C; FELDMAN, Alba K. T. “Vozes-mulheres” do terceiro mundo - a perspectiva de Conceição Evaristo. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, SC, v. 20, n. 1, 2015.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. 2.ed. Coleção Oi poemas. Dulcina Editora: Brasília, 2011.

SOUZA, Florentina. Memória e *performance* nas culturas afro-brasileiras. In: Alexandre, Marco Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

De antimuse à l' héroïne: aspects de l'autoprésentation féminine noire chez "vozes mulheres", de conceição evaristo, et "não vou mais lavar os pratos", de cristiane sobral

Résumé

Cet article a comme objectif analyser les aspects de l'autoprésentation féminine noire à partir de l'analyse des poèmes "Vozes Mulheres" (2008), chez Conceição Evaristo, et "Não vou mais lavar os pratos" (2011), chez Cristiane Sobral, on interprète cette autoprésentation comme une stratégie de résistance dans la production littéraire de ces écrivaines noires brésiliennes. On se base sur une étude critique des stéréotypes présents dans la société et dans la littérature brésilienne, tels que des images qui infériorisent ces femmes les présentent comme des antimuses et en rendant invisible leurs histoires. Pour ce faire, on appuie sur des études réalisées par Conceição Evaristo (2005), Cuti (2010), Ângela Davis (2013), Eduardo de Assis Duarte (2007), entre autres. De cette manière, cette étude est caractérisée comme une recherche bibliographique de nature qualitative. Bref, les résultats de recherche soulignent que les écrivaines noires contemporaines, à travers leurs textes, expose des stratégies de résistance contre les oppressions de genre, d'ethnicité et de classe, on affirmant dans leurs productions littéraires comme des femmes noires, héroïnes dans leurs histoires.

Mots-clés:

résistance; femme; littérature noire; autoprésentation.

Recebido em:

Aceito em:



[Página inicial \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/index/\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/index/)

[Notícias \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/announcement\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/announcement)



Notícias

Neste espaço estão disponíveis informações importantes sobre a edição da revista.

CHAMADA DE PUBLICAÇÕES: 33^a, 34^a e 35^a EDIÇÃO DA REVISTA TRAVESSIAS

33^a EDIÇÃO DA REVISTA TRAVESSIAS
Cascavel, 33. ed, v. 12, n. 1, jan./abr. 2018
Submissão: até 01/04/2018.

ESCRITURAS FEMININAS À MARGEM: DIÁLOGOS NA AMÉRICA LATINA E NA PENÍNSULA IBÉRICA

Organização: Dra. Gabriela de Lima Grecco (Universidad Autónoma de Madrid) e Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza (Unioeste)

EMENTA: O dossiê pretende acolher pesquisas que versam sobre as mulheres escritoras e suas representações literárias tanto na Europa - com foco na Península Ibérica - quanto na América Latina, a partir de múltiplas perspectivas, estabelecendo intersecções com outras áreas do conhecimento como as ciências sociais, a história, a filosofia, a psicologia, os estudos da memória, as artes, entre outras. Da mesma maneira, considera-se importante

[Ajuda do sistema \(javascript:openHelp.unioeste.br\)](http://www.unioeste.br)

Usuário

Login

Senha

Lembrar usuário

Idioma

Selecione o idioma

Português (Brasil) ▼

Conteúdo da revista

Pesquisa

Escopo da Busca

Todos ▼

artigos que abordem as obras dessas autoras em relação comparada ou não, examinando os aspectos políticos e estéticos de suas escrituras, dando visibilidade e reconhecimento para estas mulheres. Aceita-se contribuições sobre os seguintes temas: a experiência no exílio, escritoras negras, literatura comparada, escritoras e prêmios literários, escritoras “silenciadas”, escrevendo em um contexto ditatorial, escritoras esquecidas, literatura epistolar, escritas da prisão.

PALAVRAS-CHAVE: Escritura feminina; América Latina, Literatura Comparada.

ESCRITURAS FEMENINAS DESDE LOS MÁRGENES: DIÁLOGOS EN LATINOAMÉRICA Y PENÍNSULA IBÉRICA

EMENTA: Este dossier tiene como objetivo animar a que investigadores e investigadoras envíen textos sobre mujeres escritoras y sus representaciones literarias tanto en Europa -especialmente Península Ibérica- como en América Latina, a partir de múltiples perspectivas y que establezcan relaciones con las ciencias sociales, la historia, la filosofía, la psicología, los estudios de la memoria, las artes, entre otras. Asimismo, consideramos importantes artículos que trabajen las obras de estas escritoras en perspectiva comparada o no, examinando los aspectos políticos y estéticos de sus escrituras y que den visibilidad y reconocimiento a estas mujeres. Agradecemos sobre todo contribuciones que profundicen en los siguientes ámbitos de investigación: la experiencia del exilio, escritoras negras, literatura comparada, escritoras y premios literarios, escritoras “silenciadas”, escribir bajo dictadura, escritoras olvidadas, literatura epistolar, escrituras desde la cárcel.

PALABRAS CLAVE: Escritura feminina; América Latina, Literatura Comparada.

34ª EDIÇÃO DA REVISTA TRAVESSIAS
Cascavel, 34. ed, v. 12, n. 2, maio/ago. 2018
Submissão: até 01/08/2018.

Pesquisar

Procurar

» [Por Edição \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Por Autor \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Por título \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Outras revistas \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

Informações

» [Para leitores \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Para Autores \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Para Bibliotecários \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

Palavras-chave

Arte (http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista?subject=Arte) Arte e Comunicação (http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista?subject=Arte%20e%20Co



[Página inicial \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/index/\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/index/)

[Sobre a revista \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/about/\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/about/)

[Submissões \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/about/submissions\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/about/submissions)

Submissões

[Submissões Online \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias)

[Diretrizes para Autores \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/t\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/t)

[Declaração de Direito Autoral \(http://e-revista.unioeste.br/inde\)](http://e-revista.unioeste.br/inde)

[Política de Privacidade \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/ti\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/ti)

Submissões Online

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso.

Já possui um login/senha de acesso à revista Travessias?

[Acesso \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/login\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/login)

[Start New Submission \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/author/submit\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/author/submit)

Não tem login/senha?

[Acesse a página de cadastro \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/user/register\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/user/register)

Diretrizes para Autores

A Travessias, publicação quadrimestral do Grupo de Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Arte e do Programa de



[Ajuda do sistema \(javascript:openHe revista.unioeste.br\)](#)

Usuário

Login

Senha

Lembrar usuário

Idioma

Selecione o idioma

Português (Brasil) ▼

Conteúdo da revista

Pesquisa

Escopo da Busca

Todos ▼

Pós-Graduação em Letras da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, publica somente artigos que estejam de acordo com as normas da revista.

O projeto acolhe artigos e ensaios originais e inéditos de interesse da comunidade científica. É de total responsabilidade do(s) autor(es) o uso de imagens, de conteúdo pertencente a terceiros e a menção a sujeitos da pesquisa. A Revista não se responsabiliza pelas opiniões, ideias, conceitos e posicionamentos expressos nos textos, que são de inteira responsabilidade do autor (ou autores), os quais ainda são responsáveis pela utilização de inserção de fotos, imagens, remissões, traduções, coletâneas, entre outros.

Os direitos das edições dos artigos científicos e dos trabalhos efetivamente publicados automaticamente, no momento da submissão, serão transferidos para a revista, sendo autorizada a reprodução mediante indicação de fonte.

Se o artigo ou a resenha e afins for devolvido ao(s) autor(es) para revisão e correção, e não retornar dentro de no máximo 14 dias, o processo de publicação será cancelado. A correções dos artigos e dos trabalhos ficará sob a responsabilidade do(s) autor(es). Os trabalhos só serão publicados após parecer do Conselho Editorial da revista.

AS CONTRIBUIÇÕES PODEM SER ENCAMINHADAS DA SEGUINTE FORMA:

- **O artigo não deverá exceder a vinte laudas (20)**, incluindo tabelas, gráficos, figuras e referências, devendo ser submetido sem numeração de páginas.
- As resenhas (de até dois anos de publicação) deverão ter, no máximo, 6 laudas e os ensaios, relatos de experiências e entrevistas deverão ter de 4 a 20 laudas.
- Produções artísticas visuais (pinturas, fotografias, gravuras), deverão estar digitalizadas no mínimo em 72 DPI'S, em RGB, e acompanhadas de título, autor(es), resumo e palavras-chave;
- Produções sonoras devem ser enviadas em formato MP3 e acompanhadas de título, autor (es), resumo e palavras-chave escrito em português e inglês;

Procurar

» [Por Edição \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Por Autor \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Por título \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Outras revistas \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

Informações

» [Para leitores \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Para Autores \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

» [Para Bibliotecários \(http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista)

Palavras-chave

Arte ([http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Arte](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista/index.php?subject=Arte)) **Arte e Comunicação** ([http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Arte%20e%20Comunicaçao](http://e-revista.unioeste.br/index.php/revista/index.php?subject=Arte%20e%20Comunicaçao))

- Produções audiovisuais devem estar nos formatos AVI, MOV, WMV e acompanhadas de título, autor (es), resumo e palavras-chave, escrito em português e inglês;
- Indicar sempre o nome do(da) docente orientador(a);
- **Enviar no momento da submissão do arquivo, em um documento suplementar, o nome dos autores com a titulação, vinculação institucional e e-mail.**

FORMATAÇÃO:

- O texto deverá ser digitado nos programas Microsoft Word, Open Office ou compatível, em papel tamanho A4, com as configurações conforme o modelo.

>DOWNLOAD DO MODELO DE ARTIGO COM AS CONFIGURAÇÕES EXIGIDAS (https://drive.google.com/open?id=0B5_YOqcwor0gM1RFNVdoZDBKUnc)

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, justificar em "Comentários ao Editor".
2. Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF (desde que não ultrapasse os 2MB).
3. Todos os endereços de páginas na Internet (URLs), incluídas no texto (Ex.: <http://www.unioeste.br> (<http://www.ibict.br>)) estão ativos e prontos para clicar.
4. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em **Diretrizes para Autores** ([/index.php/travessias/about/submissions#authorGuidelines](http://index.php/travessias/about/submissions#authorGuidelines)), na seção Sobre a Revista.

Cinema (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Cinema>)

Cultura (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Cultura>)

Discurso (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Discurso>)

Educação (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Educa%C3%A7%C3%A3o>)

Ensino (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Ensino>) **Escola**

(<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Escola>)

Fotografia (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Fotografia>)

Gênero (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=G%C3%AAnero>)

História (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Hist%C3%B3ria>)

Identidade (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Identidade>)

Imagem (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Imagem>)

Leitura (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Leitura>)

Linguagem (<http://e-revista.unioeste.br/index.php?subject=Linguagem>)

5. A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em **[Assegurando a Avaliação por Pares Cega](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044)** (**[javascript:openHelp\('http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044'\)](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044)**)

6. Caso o(a) autor(a) principal seja graduado(a) ou mestrando(a), o nome do(a) orientador(a), mestre ou doutor(a), estará indicado como um dos(das) coautores(as) do texto.

7. Tenho ciência de que, caso o artigo seja aprovado, não poderei indicar novos autores além dos que foram cadastrados no momento da submissão.

8. O manuscrito foi formatado seguindo rigorosamente as normas contidas no modelo de artigo contida na página **["Diretrizes para autores"](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/about/submissions#authorGuidelines)** (**[/index.php/travessias/about/submissions#authorGuidelines](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/about/submissions#authorGuidelines)**) sob risco de ser rejeitado caso não tenha seguido as normas da revista Travessias.

Declaração de Direito Autoral

Aviso de Direito Autoral Creative Commons

Política para Periódicos de Acesso Livre

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

1. Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a **[Licença Creative Commons Attribution \(https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

2. Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento

Literatura

(**<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044>**)

[Literatura](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044). (**<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044>**)

[Memória](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044) (**<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044>**)

[Poesia](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044) (**<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044>**)

[Tecnologia](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044) (**<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044>**)

[literatura](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044) (**<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044>**)

Notificações

» **[Visualizar](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044)** (**<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044>**)

» **[Assinar](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044)** (**<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/help/view/editorial/topic/000044>**)

TÍTULO DO ARTIGO EM PORTUGUÊS DEVE SER CENTRALIZADO, EM MAIÚSCULA E EM NEGRITO: O SUBTÍTULO (SE HOVER) SEM NEGRITO

RESUMO: O resumo deve ser organizado de forma concisa, entre 200 e 250 palavras, em parágrafo único, fonte Garamond 12, espaçamento simples e deve trazer, minimamente, as seguintes informações: breve apresentação do tema, objetivo do artigo, base teórica no qual se sustentam as reflexões, metodologia aplicada e os resultados alcançados.

PALAVRAS-CHAVE: máximo quatro; separadas por ponto e vírgula.

1 INTRODUÇÃO

A introdução deve ser digitalizada em fonte Garamond e espaço 1,5. Nessa parte do artigo, é importante apresentar uma breve discussão sobre o tema; seu objetivo geral; a base teórica que deu sustentação às reflexões (ou os autores mais citados); a metodologia empregada; e a maneira como o artigo está organizado.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Essa parte do artigo pode ser desdobrada em vários subtítulos (se achar necessário). Deve-se, então, discutir teoricamente o tema, focalizando mais especificamente no seu recorte temático.

Por tratar-se de uma discussão teórica, seu discurso deve dialogar com outros discursos (citações diretas e indiretas), sempre na perspectiva de mostrar ao leitor o seu enfoque temático. As citações devem seguir as seguintes orientações:

- Citação indireta: Conforme Soares (2003), xxxxxxxx

- Citação direta com até 3 linhas: deixar no corpo do parágrafo. E, nesse caso, pode-se proceder da seguinte forma: Trazer as informações sobre a citação (autor, ano e página) para depois da citação. Exemplo:

A respeito da consciência fonológica, Maluf e Barrera (1997), afirmam que “o desenvolvimento da consciência fonológica parece estar relacionado ao próprio desenvolvimento simbólico da criança” (MALUF e BARRERA, 1997, p.3).

- Citação direta com mais de três linhas: nesse caso, é preciso fazer recuo. O trecho deve ser recuado em 4 cm (da margem esquerda), com fonte Garamond 11 e espaçamento simples. Exemplo:

Para o desenvolvimento da escrita, uma das habilidades que é preciso desenvolver na criança é a consciência fonológica. Pestun et al. (2009) explicam que a consciência fonológica é

[...] uma competência metalinguística que possibilita o acesso consciente ao patamar fonológico da fala e a manipulação cognitiva das representações neste nível. Portanto, envolve reflexão, análise e manipulação intencional de unidades que compõem a linguagem (palavras, sílabas, fonemas) (PESTUN et al., 2009, p. 96).

Caso haja necessidade de inserir quadros, tabelas e/ou figuras, deve-se formatar conforme os exemplos seguintes:

Tabela 1 – Taxa de escolarização por rendimento *per capita* do domicílio, em %

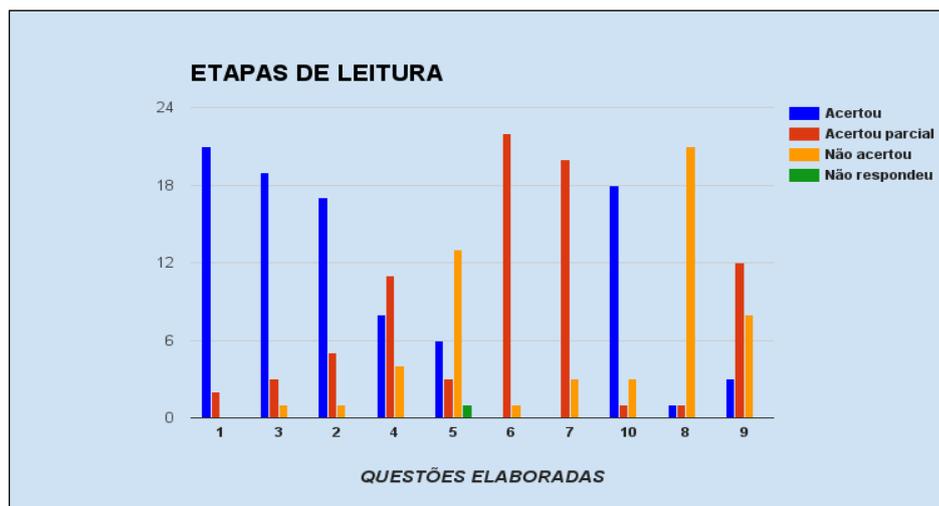
Renda domiciliar per capita mensal, em salários mínimos	4 ou 5 anos de idade	6 a 14 anos de idade	15 a 17 anos de idade	18 a 24 anos de idade	25 anos ou mais de idade
Menos de ¼	66,8	96,5	80,6	25,3	4,9
¼ a menos de ½	69,9	97	82,5	24,1	4,3
½ a menos de 1	76,2	97,8	84,5	24,2	4,5
1 ou mais	86,9	99	90,6	38,5	5,6
Total	74,8	97,6	85,2	30,3	5,1

Fonte: Pnad 2009, IBGE

✓ **TABELA:** é formada apenas por linhas verticais, sendo, portanto, “aberta”. Normalmente é usada para apresentar dados primários, e geralmente vem nos “resultados” e na discussão do trabalho. Nada impede, porém, que uma tabela seja usada no referencial teórico de um trabalho. Uma tabela normalmente apresenta resultados quantitativos (números). Pode usar espaçamento e fontes de letras com tamanhos menores que o do texto (não precisa seguir o mesmo padrão). Geralmente se o texto usa fonte Garamond 12, a tabela pode ser feita em fonte 10. O número da tabela e o título vêm acima do quadro (Garamond 11), e a fonte deve vir abaixo (Garamond 10).

O mesmo se aplica à inserção de gráficos:

Figura 01 - Gráfico com os resultados obtidos pelo instrumento diagnóstico



Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Se a inserção for de um quadro, deve-se seguir esta orientação:

Quadro 1 – Competências do Profissional

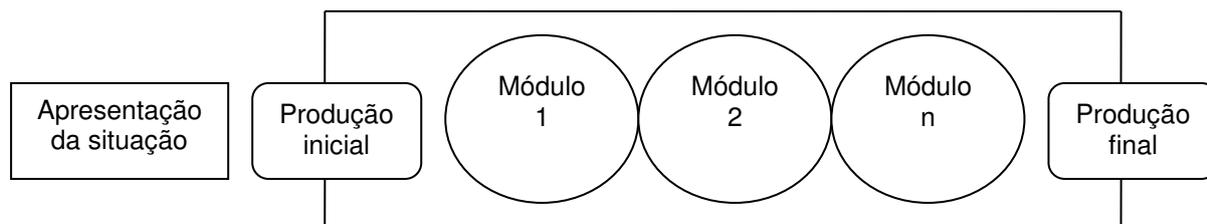
SABERES	CONCEITUAÇÕES
Saber agir	Saber o que e por que faz. Saber julgar, escolher e decidir.
Saber mobilizar	Saber mobilizar recursos de pessoas, financeiros, materiais, criando sinergia entre eles
Saber comunicar	Compreender, processar, transmitir informações e conhecimentos, assegurando o entendimento da mensagem pelo outro.
Saber aprender	Trabalhar o conhecimento e a experiência. Rever modelos mentais. Saber desenvolver-se e propiciar o desenvolvimento dos outros.
Saber comprometer-se	Saber engajar-se e comprometer-se com os objetivos da organização.
Saber assumir responsabilidades	Ser responsável, assumindo riscos e as consequências de suas ações, e ser, por isto, reconhecido.
Ter visão estratégica	Conhecer e entender o negócio da organização, seu ambiente, identificando oportunidades e alternativas

Fonte: Fleury e Fleury (2001, p. 22)

✓ **QUADRO:** é formado por linhas horizontais e verticais, sendo, portanto “fechado”. Normalmente é usado para apresentar dados secundários, e geralmente vem no “referencial teórico”. Nada impede, porém, que um quadro apresente resultados da pesquisa. Um quadro normalmente apresenta resultados qualitativos (textos). Pode usar espaçamento e fontes de letras com tamanhos menores que o do texto (não precisa seguir o mesmo padrão). Geralmente se o texto usa fonte Garamond 12, o quadro pode ser feito em fonte 10. O número do quadro e o título vêm acima do quadro, e a fonte, deve vir abaixo.

Se a inserção for uma figura, o procedimento é o seguinte:

Figura 17 - Esquema da Sequência Didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98)

Obs.: Os textos de alunos, por exemplo, gravuras, gráficos, fotografias, desenhos etc. devem ser identificados como figura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa parte do artigo deve-se fazer um fechamento (provisório) do texto, apresentando suas considerações sobre a pesquisa desenvolvida.

A voz de autoria deve prevalecer nessa parte do artigo.

4 REFERÊNCIAS

Livro (com um ou mais autores):

SOBRENOME, Prenome. **Título:** subtítulo. Nota de tradução. Edição. Local: Editora, ano de publicação.

BRITTO, Luiz Percival Leme de. **A sombra do caos:** ensino de língua X tradição gramatical. 2.ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem.** Tradução de Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

RIOLFI, Cláudia et al. **Ensino de Língua Portuguesa.** São Paulo: Cengage Learning, 2014.

Capítulo de livro – autoria diferente do autor do livro:

SOBRENOME, Prenome (autor do capítulo). Título do capítulo. In: SOBRENOME, Prenome (autor da obra no todo). **Título do livro.** Tradução (se houver). Local: Editora, ano. p. inicial e final.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. A leitura de poesia na escola. In: MENEGASSI, Renilson José. **Leitura e ensino.** 2. ed. Maringá: Eduem, 2010. p.139-166

Capítulo de livro – autoria igual ao autor do livro:

SOBRENOME, Prenome. Título do capítulo. In: _____. **Título** (do livro no todo). Local: Editora, ano. n° de p. inicial e final.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: _____; _____. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 41-70.

Dissertação ou tese:

SOBRENOME, Prenome. **Título:** subtítulo. Ano. n° de páginas. Tese/dissertação (especificar o nome do curso) – Nome da Instituição, cidade.

BOSSA, Nádia Aparecida. **Fracasso escolar:** um sintoma da contemporaneidade revelando a singularidade. 2000. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da USP, Universidade São Paulo, São Paulo.

SAVIANI, Nereide. **Função técnica e função política do supervisor em Educação.** 1981. 448 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Artigo em revista:

SOBRENOME, Prenome. Título: subtítulo do artigo. **Título do periódico**, local, volume, fascículo, página inicial e final, mês* e ano.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Uma tentativa de análise linguística de um texto do gênero “relato Histórico”. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 181-205, jan./abr. 2010.

Trabalho apresentado em evento:

SOBRENOME, PRENOME abreviado. Título: subtítulo (se houver) In: NOME DO EVENTO, número., ano. Local de realização do evento. *Anais...* Local de publicação dos resumos: Editora, ano. paginação.

ORLANDO, Andréia F.; WATHIER, Luciane; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Verbos: um olhar sob a gramática aplicada ao texto num trabalho com materiais didáticos. JELL – JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 9., 2007, Marechal Cândido Rondon, PR. **Anais...** Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 2007. p. 445-454.

Title

Xxxxxxx.

Abstract

Xxxxxx.

Keywords

Xxxx; Xxxx; Xxxx; Xxxx.

Recebido em:

Aceito em: